

FORMAÇÃO DE PROFESSORES PARA O ENSINO DE LIBRAS COMO SEGUNDA LÍNGUA (L2)

Autor (1) Wellington da Silva Viana; Autor (2) Maria Aline da Conceição Santos; Autor (3) Valêssa Ferreira de Lima Cruz; Orientador (4) Conceição de Maria Costa Saúde;

PROBEX 2018 - Universidade Federal de Campina Grande (UFCG)
E-mail: dinevee@gmail.com

Introdução

Os desafios ora postos para a educação em geral e, em particular, para a educação de surdos, objeto de nossas atividades de ensino, pesquisa e extensão, são inúmeros e de diferentes ordens. Apesar de o Brasil reconhecer o direito dos Surdos serem bilíngues desde 24 de abril de 2002, através da Lei 10.436 instituindo a Língua Brasileira de Sinais (Libras) como língua das comunidades surdas brasileiras, os surdos ainda viveram uma realidade de exclusão linguística destes sujeitos. Para mudar a realidade vigente, acreditamos na escola bilíngue como o espaço educacional mais profícuo para os surdos, pois é nela que a sua condição visual poderá ser respeitada em sua plenitude. Assim, é necessário um movimento por uma educação que institua e promova possibilidades de efetivo bilinguismo para os surdos brasileiros. Para tanto, o fortalecimento da educação bilíngue existente, é condição premente permitindo aos Surdos seguirem refletindo acerca da função que esse modelo educacional tem para a sua formação como sujeitos efetivamente bilíngues, compreendendo o lugar da Libras e Língua Portuguesa nos espaços educacionais bilíngues.

O bilinguismo, como campo conceitual das questões relacionadas às pessoas surdas, cada vez mais, se constitui como uma concepção não restrita ao campo da educação, mas como perspectiva epistemológica que propõe uma ressignificação ideológica, portanto política, social, cultural e educacional sobre a surdez.

Isto significa entender a relação do surdo com a língua de sinais como a possibilidade de construção simbólica e cognitiva de mundo. Não apenas como instrumento institucionalizado e facilitador da comunicação, mas como língua humana, com todas as possibilidades pragmáticas, semânticas e imagéticas. Neste sentido, os surdos constituem comunidades com construção histórica, política e cultural próprias. A partir desta nova perspectiva, surdos e ouvintes precisam aprender que, como humanos, a produção e exploração do mundo estão marcadas por discursos que influenciam as construções sociais, ou seja, influenciam a ideia sobre como cada um é colocado na sociedade.

Segundo Doziart e Soares (2012), surge à necessidade de discussões e estudos relacionados à língua de sinais e aos espaços institucionais onde ela é utilizada. Também é imprescindível a presença de profissionais capacitados para atuarem com surdos, numa perspectiva educacional bilíngue, bem como suprir a carência social de compreensão da Libras como língua que permite ao surdo constituir-se como sujeito pleno. Por isso, acreditamos que sem os conhecimentos e reflexões sobre as concepções de surdez e de pessoa surda, suas necessidades linguísticas e forma de apreensão do mundo, questões relativas à cultura e formação de identidade surda, entre outros, não é possível pensar uma escola pautada em uma prática pedagógica cotidiana reflexiva e crítica e que ao mesmo tempo tenha

o aluno como centro de todo o processo educacional, nem numa sociedade que se constitua como um pouco mais inclusiva.

Desde a década de 1990 do século passado, no Brasil há pesquisas e estudos sobre o bilinguismo. Esse fato não significa que o país tenha se tornado menos monolíngue e que a Libras, apesar do reconhecimento legal advindo da Lei 10.436/2002 (BRASIL, 2002), tenha se tornado respeitada e reconhecida como língua fundamental para os surdos e que uma política linguística de forte aceitação tenha contribuído para o fortalecimento do modelo educacional bilíngue para surdos. Ao contrário, em um movimento inversamente proporcional às conquistas legais, a política baseada no modelo educacional inclusivo vem contribuindo com o sucateamento e, conseqüentemente, com a evasão de alunos surdos das escolas bilíngues específicas.

Assim, nossa compreensão é de que uma das formas de contribuir para que a Libras se constitua como língua fundamental é propiciar espaços para o conhecimento sobre ela e de reflexão acerca das práticas de ensino. Desse modo, que seja possível consolidar a educação bilíngue para os surdos, a partir do professor de Libras (surdos e ouvintes) que, ao aprofundar seus conhecimentos quanto aos gêneros textuais da Libras, têm mais possibilidades de instrumentalizar seus alunos para fazer uso dos sinais nos diversos espaços onde sua opinião, posição e articulação sejam necessário. Na atualidade, conhecer mais profundamente a Libras em uma perspectiva textual é o desafio para o grupo de professores de Libras, tanto os elaboradores, quanto os que são alvo do projeto.

Em uma visão discursiva de ensino de Libras, entende-se que o conhecimento linguístico é elaborado a partir de interações sociais, de modo que “o aluno pode perceber as características da modalidade gestual e visual e seu uso de forma mais clara e presente em seu cotidiano, sabendo discernir as diversas utilizações da língua”. (ALBRES; SARUTA, 2012, p.21).

Segundo Falcone (2012), os gêneros textuais são elementos articuladores das práticas sociais e organizam o agir discursivo, a compreensão textual e a inserção na sociedade. Logo, de acordo com a autora, os gêneros são como uma forma cognitiva que tece as práticas sociais, seja na interação ou na orientação comunicativa dos indivíduos.

Considerando o exposto, buscamos no presente texto apresentar considerações sobre o processo de formação de docentes e discentes de Letras Libras (surdos e ouvintes) para o ensino de Libras-L2, que vem sendo desenvolvido na Universidade Federal de Campina Grande (UFCG), por alunos extensionistas do curso de Letras Libras, Letras e Design, sob a coordenação de professores do Letras Libras e da UAED, a partir de estudos, vivências e produção de diferentes gêneros textuais da Libras como L2. Integra o Programa de extensão intitulado “Língua, Literatura e Formação na Educação Bilíngue para Surdos: Vivências com Gêneros Textuais Escritos e Sinalizados” - PROBEX 2018.

A atividade extensionista tem como objetivo geral promover a formação de docentes surdos e discentes de Letras Libras (surdos e ouvintes) para o ensino de Libras como L2, abrangendo aspectos teóricos e metodológicos do seu ensino e seus gêneros textuais. Como objetivos específicos destacam-se: Estudar os gêneros textuais da Libras nas esferas de circulação, relacionados com modelos de didatização de gêneros textuais; Elaborar propostas de ensino e produção de materiais de Libras como L2, com base nos vídeos sinalizados e produzidos no PROBEX 2017; e Utilizar as propostas e materiais produzidos para o ensino de Libras como L2 nas instituições de educação de surdos envolvidas no Programa.

Metodologia

Metodologicamente, o projeto vem sendo desenvolvido por meio de uma formação continuada com base em estudos teórico-metodológicos numa perspectiva discursiva sobre o ensino de Libras como L2.

Para tanto, abrange os seguintes momentos:

1. Promoção de estudos teóricos das concepções da linguística e a abordagem de gêneros textuais como L2.
2. Promoção de estudos sobre as características de gêneros textuais da Libras em diferentes esferas de produção e circulação, relacionado com modelos de didatização de gêneros textuais.
3. Elaboração de propostas de ensino e produção de materiais de Libras como L2 utilizando os vídeos produzidos no PROBEX 2017.
4. Utilização das propostas e dos materiais produzidos para o ensino de Libras como L2 em instituições de educação de surdos envolvidas no Programa.

O público-alvo desse projeto são Professores de Libras (surdos) e alunos do curso Letras Libras (surdos e ouvintes), em um total de vinte e dois (22) cursistas, sendo três (3) professores surdos de Libras; cinco (5) professores ouvintes de Libras; seis (6) alunos surdos do curso Letras Libras; e oito (8) alunos ouvintes do curso Letras Libras (UAL/UFCG).

O projeto iniciou suas atividades no mês de maio 2018, por meio de atividades assim articuladas: oito (8) horas semanais para encontros com a equipe do projeto para estudos, planejamento e organização das atividades do curso; quatro (4) horas semanais para encontros presenciais com os cursistas e duas (2) horas semanais em que os cursistas trabalham nas atividades dos módulos não presenciais. Os encontros presenciais foram organizados em quatro (4) Módulos de Estudos, os quais poderão ser mais bem compreendidos por meio do detalhamento das atividades desenvolvidas, apresentado no tópico a seguir.

Resultados e Discussão

Durante esses cinco meses de projeto, dos quatro (4) Módulos de Estudos para os encontros presenciais, dois (2) já desenvolvidos e dois (2) encontram-se em desenvolvimento. O Módulo I foi realizado em quatro (4) encontros, o Módulo II em cinco (5) encontros, faltando apenas mais dois (2) módulos para colocarmos em prática o aprendizado de cada uma através da utilização de propostas e dos materiais produzidos para o Ensino de Libras como L2. Em cada módulo foi convidado um professor/especialista da área para ministrar e após cada encontro eram realizadas as reuniões entre os bolsistas e orientadores para analisar o decorrer das aulas, como também para planejar e organizar novas ações.

No primeiro módulo intitulado de “Conceito Linguísticos e Ensino de Libras” foi ministrado pela professora Doutora Shirley Barbosa das Neves Porto, professora da Universidade Federal de Campina Grande, que convidou duas professoras especialistas em Línguas e Linguagem, para dar auxílio durante o ensino do Módulo. De início, a professora Mestra Michele Melo Gurjão Roldão, a qual compartilhou conosco sua experiência com a Língua Brasileira de Sinais (Libras) e com a Língua de Sinais Francesa (LSF). Em seguida, a professora Germana Silva tradutora/intérprete do Instituto Federal de Campina Grande – IFPB.

A professora Mestra Michele Melo Gurjão Roldão nos exemplificou através de vídeos e alguns cartões algumas semelhanças e diferenças entre Libras e LSF. Ela nos mostrou

algumas configurações de mãos e sinais semelhantes entre as duas línguas como também nos introduziu o alfabeto manual da LSF. Enquanto a professora compartilhou conosco um pouco da sua experiência ensinando a Libras como L2 para ouvintes, e exemplificando as três concepções de língua, ensino de língua, papel do professor e dos alunos.

A professora Doutora Shirley Barbosa das Neves Porto trabalhou os conceitos linguísticos e ensino de Libras, abordou os sobre os teóricos (Saussure, Chomsky, Stokoe e Bakhtin). No último encontro, a professora trabalhou sobre perspectivas teóricas da aula, método gramático tradução e o método tradicional, como também a importância dos aspectos e motivações identitárias dos surdos para escolhas lexicais, bem como introduziu a turma o quadro Europeu Comum de Referência para Línguas (Orais).

Na reunião de avaliação do Módulo I percebemos que a turma estava engajada com o projeto, os cursistas a todo o momento faziam questionamentos aos professores e interagem nas dinâmicas e atividades propostas. Em nossas reuniões as avaliações deste módulo foram positivas, os números de desistentes foram de um (1) e de faltantes de quatro (4).

No segundo módulo intitulado de “Gêneros Textuais da Libras e Várias Esferas de Circulação” foi ministrado pela professora Especialista Girlaine Felisberto de Caldas Aguiar, mestranda da Universidade Federal de Campina Grande. No primeiro encontro, a professora trabalhou os gêneros textuais e os seus tipos através de slides e comunicação visual. No segundo encontro, a classificação e caracterização das sequências textuais, como também realizaram a didática com o material estudo em sala de aula. No terceiro encontro foram requeridos que os cursistas produzissem materiais didáticos através dos conteúdos já apresentados em sala, os mesmos poderiam apresentar em grupo, dupla ou sozinhos, ficou a escolhas deles. As apresentações aconteceram no quarto e quinto encontro. O momento foi bem proveitoso onde os alunos poderão apresentar suas propostas e tirar suas dúvidas sobre o tema abordado no módulo.

Na reunião de avaliação do Módulo II concordamos que os encontros foram bastante proveitosos, pois os alunos poderão colocar em prática, o que estava sendo aprendido em sala de aula, bem como trocar experiências. O número de faltosos aumentou significativamente e houve três (3) desistentes.

O terceiro módulo intitulado de “Estudos sobre Didatização de Gêneros Textuais em Libras como L2” será ministrado pela coordenadora deste projeto, professora Mestre Conceição de Maria Costa Saúde. Já o quarto módulo intitulado de “Elaboração de Propostas de Ensino” será ministrados pelas professora coordenadora, colaboradoras e os bolsistas deste projeto. Ambos os módulos encontram-se em andamento e desenvolvimento.

Conclusões

Diante do material exposto concluímos que existem diversos desafios para a educação de surdos são inúmeros, dentre eles a escola bilíngue como espaço educacional mais profícuo, pois acreditamos que assim sua condição visual poderá ser respeitada em sua plenitude. Entendemos que os gêneros textuais, além de possibilitarem a interação sociodiscursiva entre os usuários de uma língua, refletem as intenções dos sujeitos. Nessa perspectiva, à medida que os gêneros são produzidos, ficam disponíveis para que as pessoas possam efetivar a interação verbal. Acreditamos que, desse modo, estaremos contribuindo com a formação de professores que, ao reconhecer a língua de sinais como ferramenta fundamental para a educação dos alunos surdos, poderão redimensionar suas práticas pedagógicas.

Referências

DORZIAT, A.; ARAUJO, J. R. ; SOARES, F. P. . *O direito dos surdos à educação (um estudo com jovens de 14 a 22 anos)*. In: Ana Claudia Balieiro Lodi; Ana Dorziat Barbosa de Mélo; Eulalia Fernandes;. (Org.). *Letramento, bilinguismo e educação de surdos*. 1ªed. Porto Alegre: Mediação, 2012, v. , p. 333-371.

ALBRES, Neiva de Aquino; SARUTA, Moryse Vanessa. *Programa curricular de língua brasileira de sinais para surdos*. São Paulo: IST, 2012.

BRASIL. Lei nº 10.436, 24 de abril de 2002, que dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais- Libras.

FALCONE, K. Gêneros Textuais e o 'Agir Cognitivo'. In: MIRLEU, I.; RODRIGUES, M. C. (Orgs.). *Ensino de língua e Literatura: políticas, práticas e projetos*. 1ed. Campina Grande: Bagagem, 2012, v. 1, p. 115-128.